

EXPANDIDA
 ANDIDA GALERIA
 RIA EXPANDIDA
 ALERIA EXPANDIDA
 RIA EXPANDIDA
 A GALERIA EXPANDIDA
 IA EXPANDIDA
 EXPANDIDA GALERIA
 LERIA EXPANDIDA

analívia cordeiro
fabiana de barros
gilbertto prado
lucas bambozzi
regina silveira
ricardo basbaum

GALERIA EXPANDIDA

ana paula lobo
bruno faria
cláudio bueno
denise agassi
esqueleto coletivo
paula garcia

GALERIA EXPANDIDA

concepção e curadoria de Christine Mello

LUCIANA BRITO 
galeria

www.lucianabritogaleria.com.br

galeria expandida
concepção e curadoria de Christine Mello
assistência curatorial: Ananda Carvalho e Paula Garcia
realização: Luciana Brito Galeria
período: 05/04 a 20/04 de 2010

galeria expandida é uma plataforma curatorial que reflete sobre circuitos da arte e da mídia. Baseada em artistas que promovem ações midiáticas, discute espaços de visibilidade na arte. Em um contexto em que a produção artística é por natureza desmaterializada e transitória, a pergunta que transpassa é *como abrigar tal produção numa galeria de arte?*

A idéia de expansão da galeria diz respeito a nela provocar uma situação de pesquisa e um espaço de reflexão que incitem situações de interação e debate sobre a circulação da obra em circunstâncias imateriais e imprevisíveis, para além do seu espaço físico.

A operação curatorial traz para dentro da galeria trabalhos que geralmente ocorrem em ambientes fora dela, acontecem no espaço público, de natureza efêmera e midiática. Ao possibilitar uma contra-circulação desses trabalhos em seus ambientes, sugere que a galeria se expanda como um ambiente de relações e trocas, como um fluxo informacional.

O conceito de expansão situa-se especificamente nos cruzamentos existentes entre espaços da arte e experiências midiáticas acessíveis no nosso cotidiano (como as promovidas pela internet, televisão, telefonia móvel, mídia *indoor* e *outdoor*, jornal, revistas, cartazes, filipetas, adesivos, transmissões sonoras e camisetas) que integram o universo das redes de comunicação, do circuito publicitário e das marcas. Ao colocar em atenção situações por onde circulam boa parte do capital simbólico e econômico que integram a sociedade contemporânea, a curadoria propõe que o ambiente da galeria transforme-se num espaço aberto tanto ao enquadramento quanto ao desenquadramento de tais experiências.

galeria expandida articula, de modo simultâneo, dois eixos curatoriais: histórico e novas vertentes. Com eles são produzidas tanto revisões históricas como apresentação de obras inéditas, que juntas possuem a capacidade de revitalizar as discussões sobre espaços de visibilidade nos circuitos da arte-mídia. Os trabalhos artísticos são intercalados a um ciclo de depoimentos, performances e debates, associados à realização de um jornal-catálogo (realizado pelos artistas Eduardo Verderame e Manuela Eichner), ação educativa e espaço online, que questionam o fora e o dentro de ambientes expositivos através de ações artísticas em diálogo com contextos comunicacionais.

O interesse da exposição reside em apresentar um conjunto de documentações em torno de experiências como as de Analivia Cordeiro, Regina Silveira, Ricardo Basbaum, Gilbertto Prado, Lucas Bambozzi e Fabiana de Barros. Esse grupo de artistas integra o *eixo curatorial histórico* e suas ações foram produzidas respectivamente entre os anos 1970 e a atualidade. A esses artis-

tas associam-se Ana Paula Lobo, Bruno Faria, Claudio Bueno, Denise Agassi, Esqueleto Coletivo e Paula Garcia, que fazem parte do *eixo curatorial novas vertentes* e que criaram ações midiáticas especialmente produzidas para a exposição.

O jogo conceitual produzido entre um e outro eixo curatorial acentua a vontade de colocar em contato experiências que aconteceram nos últimos quarenta anos no campo das relações entre arte e comunicação (e que ainda não foram devidamente inscritas pela história e crítica de arte), revisando-as contemporaneamente em torno de realidades artísticas e comunicacionais surgidas já no contexto do século 21.

A escolha dos onze artistas e do coletivo que integram a exposição deve-se às potências e diálogos que suas obras produzem em contato com circuitos comunicacionais, ao modo como reorganizam a informação e tecem alternativas ao discurso hegemônico corrente nesses meios, bem como à dimensão social de suas práticas. O principal intuito é apresentar suas experiências

Não se trata de pensar os espaços da arte e os espaços da mídia como temas das discussões. Ao contrário, trata-se de notar como as negociações e agenciamentos entre esses espaços oferecem um outro modo de questioná-los e percebê-los.

como uma plataforma de discussão, em estado laboratorial, relacionadas a um conjunto de atividades e não necessariamente apresentá-las sob o aspecto de obra acabada, no sentido convencional do termo.

Desde a invenção da fotografia a arte promove deslocamentos dos seus circuitos tradicionais para circuitos não convencionais, reconhecíveis, entre outros, no âmbito dos circuitos da comunicação, sendo, inclusive, um lugar privilegiado de investigação do Fluxus, da pop art, das proposições conceituais e dos coletivos. Nesse sentido, as discussões apresentadas na presente plataforma curatorial ocupam um contexto histórico e ao mesmo tempo tenso dessas relações, pelo fato de explorar esse debate hoje e perceber relações existentes no âmbito da cultura digital.

Diferentemente dos debates produzidos entre os anos 1960-1970, as ações produzidas em **galeria expandida** abrangem a experiência de se inserir e agir dentro do tecido institucional e social das redes por onde circulam a arte e os canais de comunicação. Nesse caso específico, a experiência de inserção é promovida de modo negociado. Significa o gesto de se inserir no espaço econômico e público do tecido institucional, procurando agir como um dispositivo relacional entre o espaço da galeria e o espaço das mensagens comunicacionais. Busca, com isso, abrigar discussões sobre os paradoxos, os

conflitos, as dificuldades, as impossibilidades, as dúvidas, as negociações, as analogias e os diálogos existentes entre um e outro campo de ação.

Nessa reflexão, em lugar de buscar discernir especificamente em que contexto encontra-se uma e outra realidade, as atividades aqui propostas privilegiam o debate a partir do contato com experiências mais ambíguas, de caráter descentralizado, baseadas nos estados intermediários, nos estranhamentos e nas contaminações de uma realidade pela outra. Não se trata de pensar os espaços da arte e os espaços da mídia como temas das discussões. Ao contrário, trata-se de notar como as negociações e agenciamentos entre esses espaços oferecem um outro modo de questioná-los e percebê-los.

Se os espaços midiáticos permeiam questões que não podemos deixar de enfrentar pelo fato de carregarem em si boa parte dos sinais da vida contemporânea, é compreensível, portanto, que o conjunto constituído pelos artistas, críticos, agenciadores culturais, galeristas e profissionais da mídia aqui envolvidos reflitam sobre tais realidades, assim como sobre os embates da arte como canal de circulação da informação.

Ao se pronunciarem tais desafios, a intenção é colocar em discussão as relações e os paradoxos existentes entre arte e circuitos midiáticos, traduzidos aqui sob a forma de uma revisão histórica de determinadas experiências e tendo como princípio o convívio ampliado das idéias artísticas na decodificação da vida em seus sinais.

EIXO HISTÓRICO

analívia cordeiro
fabiana de barros
gilbertto prado
lucas bambozzi
regina silveira
ricardo basbaum

ANALÍVIA CORDEIRO

"M3X3", 1973

"Ver para Ler", 2009

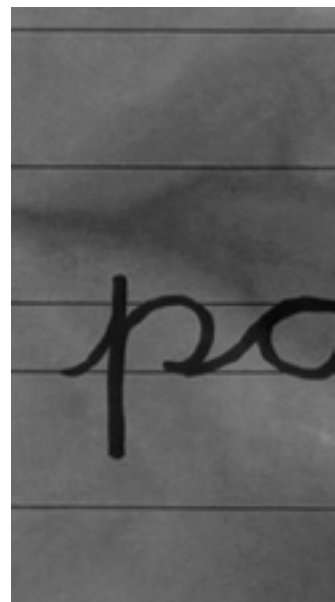
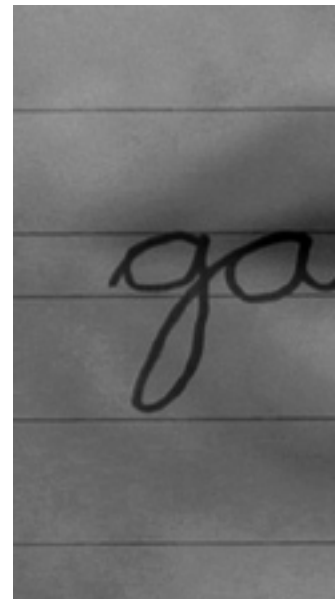
PhD, uma das pioneiras mundiais da "computer-dance" e brasileira da videoarte (1973). Criou Nota-Anna: notação eletrônica movimentos corpo e Ver Para Ler: alfabetização por celular. Participou: Intl Fest Edinburgh1973, XII Bienal SP1973, LatinAmerica74 no ICA(London), Espace Cardin(Paris), WGBH-TV1976, 20th American Dance Conf.1976, Art Space Era-Von Braun Civic Center Huntsville Museum of Art1978, Brasil SécXX1984, 27th Annual Dance on Camera Fest1998, Il Coreografo Elettronico e Invenção1999; Sawyers Seminar-Univ. of Chicago1999, Laban-Univ. di Bologna1999, 2001 JavaOne, Made in Brazil 2003/5, Siggraph2008

Dançando, compreendi o significado do binômio orgânico/artificial. No orgânico via a espontaneidade, a improvisação, a emoção solta, o imprevisível. No artificial via o planejamento, a coordenação de diferentes meios eletrônicos (chamava-se mutimídia), o estudo científico do corpo, o previsível. Sempre no universo da expressão do corpo, esse binômio orientou minhas pesquisas durante anos, a partir de 1969.

Em M3x3 (1973), previ a automatização dos gestos, a relação mecânica entre as pessoas, a prioridade da mídia sobre a expressão pessoal, a redução ao branco-preto, ao sim-não, sem cromatismos, sem nuances, sem o meio. Dentro destas regras de ação, fornecidas pelo computador aos dançarinos e equipe de TV, regras sociais; existia um espaço para a criação, uma nova forma de leitura e interpretação dos movimentos do corpo, aberta à sugestões individuais (para mim, planejar movimentos não é realizar um desenho animado). M3x3 acertou: assim se tornou e assim é até hoje. Somente não anteviu o quanto o corpo sofreria com a priorização da mídia: dores na coluna e nos membros, um sofrimento.

Sempre abominei modismos, ser up-to-date, malabarismos tecnológicos per se. Sempre priorizei integridade, coerência e tempo longo para maturação da criação; que me direcionaram para a criação de softwares específicos para meus trabalhos, dialogando com o universo científico e com as pesquisas de ponta. Tive sorte: meu debut foi no International Festival of Edinburgh, assim não tive que ser aprovada por curadores, diretores de museu ou galeristas locais, que não teriam tido a oportunidade ou teriam medo de exhibir algo novo de verdade concebido por uma adolescente (observo: a carreira de bailarina começa cedo, para mim, aos 11 anos de idade, portanto já era madura na época). Assim posso contar essa história. Era uma vez...

Analívia Cordeiro



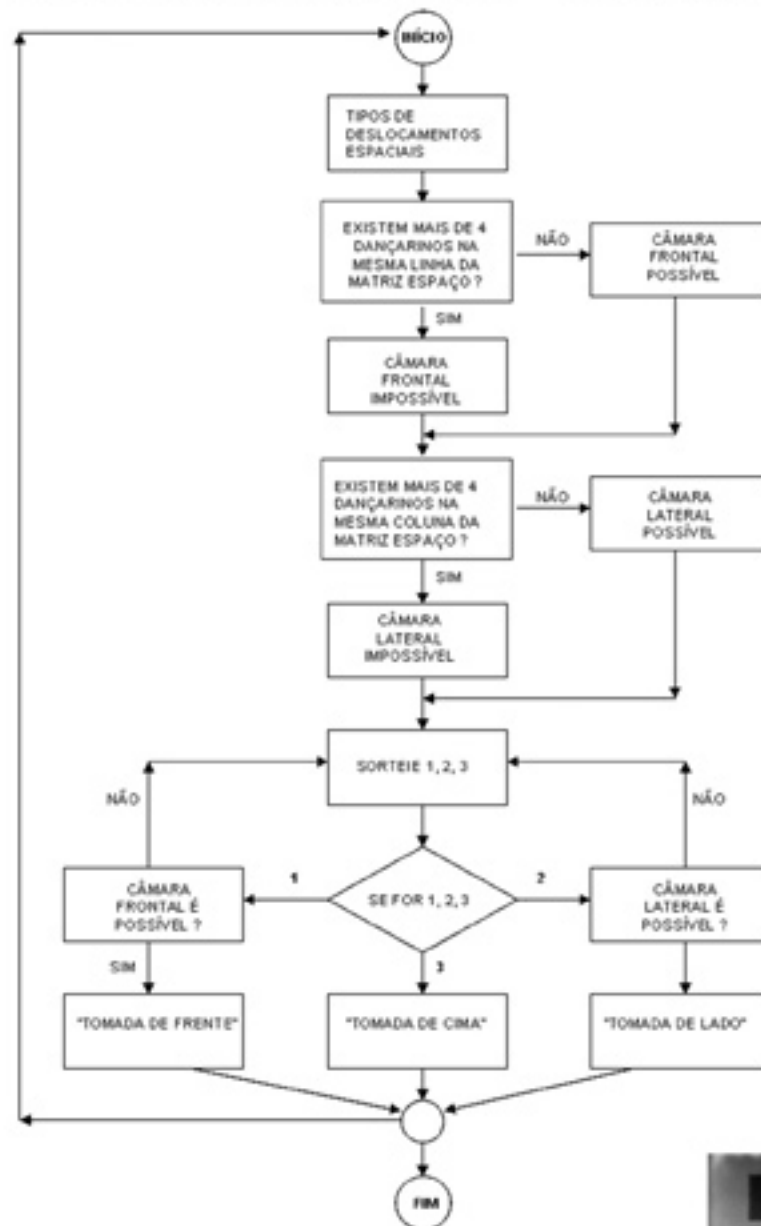
“Ver para Ler” é composto por 57 vídeos constituindo uma proposta de alfabetização através de celulares e outros dispositivos móveis. O aluno pode aproveitar as horas perdidas em ônibus ou trem, por exemplo, para aprender a ler e escrever.



Analívia Cordeiro, “Ver para ler”, vídeo para celular, 2009



O Coreógrafo Programador - O Algoritmo

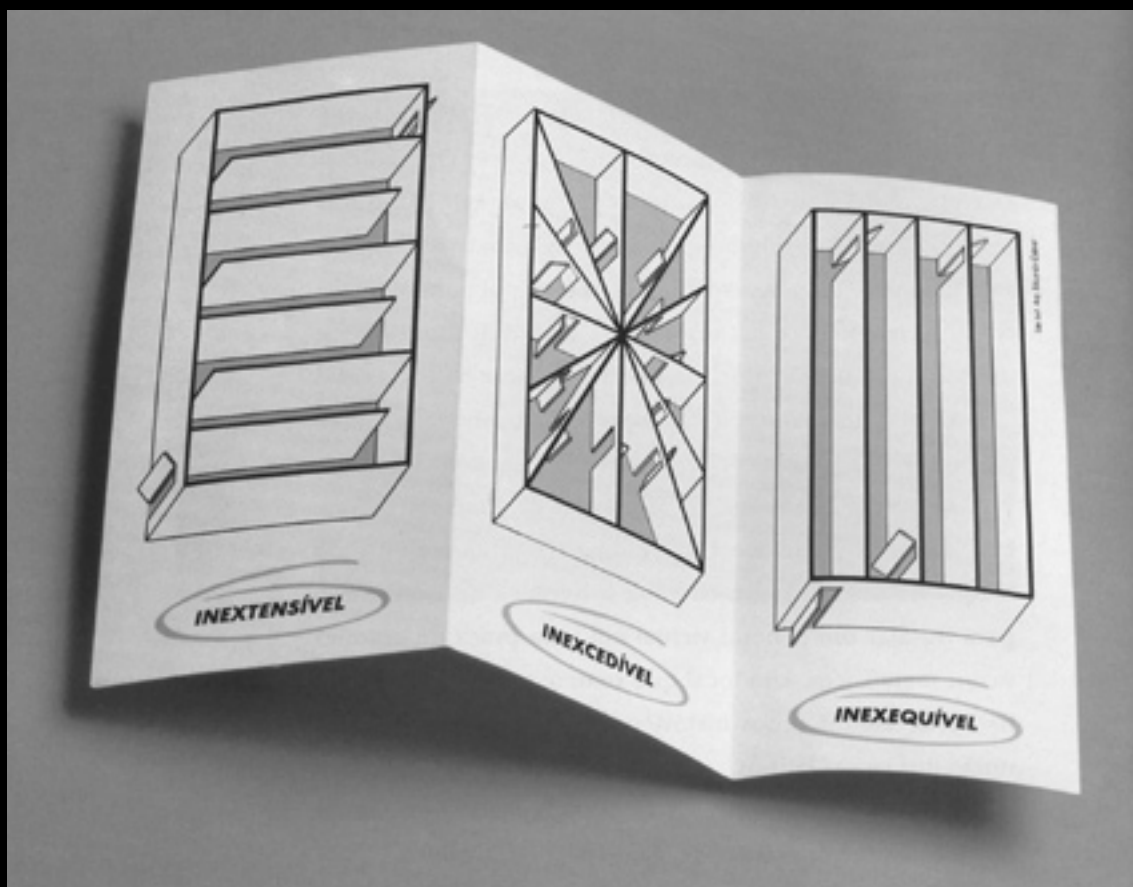


REGINA SILVEIRA

"Pudim arte brasileira", 1977-1988

"Pronto para morar", 1994-1998

Nascida em Porto Alegre, Brasil (1939) recebeu o grau de Doutora em Arte pela Universidade de São Paulo (1984), onde lecionou desde 1974. Exibiu amplamente sua obra dos anos 60 ao presente, em exposições individuais e coletivas selecionadas no Brasil e no exterior, tendo participado das Bienais de Havana (1984) de São Paulo (1981, 1983 e 1998), do Mercosul (2001) e de Taipei (2006). Foi bolsista da Fundação Guggenheim (1991), da Pollock Krasner (1993) e da Fundação Fulbright (1994). Em 2000 recebeu no Brasil o Prêmio Sergio Motta para Arte e Tecnologia e em 2009 o Prêmio de Artes para a Pintura/Vida e Obra, da Fundação Bunge (2009)



Regina Silveira, "Pronto para Morar", filipeta, 1994

Pudim Arte Brasileira

- 2 xícaras de olhar retrospectivo
- 3 xícaras de ideologia
- 1 colher, de sopa, de École de Paris
- 1 lata de definição temática, gelada e sem soro
- 1 pitada de exacerbação da cor
- 1 índio, pequeno, ralado

Com o olhar retrospectivo e a ideologia prepare uma calda e quando grossa junte-lhe a École de Paris, sem mexer. Deixe amornar, bata um pouco a definição temática, junte os demais ingredientes e leve ao fogo em banho-maria em forma acaramelada.

Cobertura para Pudim Arte Brasileira

Misture 1 1/2 xícara de função social com 5 colheres, de sopa, de vitalidade formal e leve ao fogo até dourar; retire do fogo, junte mais duas colheres, de sopa, de jogada mercadológica e sacuda um pouco a frigideira para misturar tudo bem; não se deve mexer com a colher. Deixe esfriar, cubra o pudim e sirva gelado.

Regina Silveira 77

Regina Silveira, "Pudim Arte Brasileira", filipeta, 1977

Em 1978, depois da inauguração da estação Sé do Metrô de São Paulo e da implantação de um Jardim de Esculturas de artistas contemporâneos, na praça e nas galerias internas da estação, decidi distribuir a receita do Pudim Arte Brasileira (1977) na saída da estação, junto às escadas rolantes. No período considerei que esta ação seria uma forma alternativa de dar a conhecer uma arte - também alternativa- aos usuários do metrô, em fluxo permanente, da estação para a praça e vice versa.

Imprimi umas poucas centenas de fotocópias da receita de Pudim Arte Brasileira, em papel cortado pela metade do tamanho A4 e simplesmente fui até a estação, sozinha, para distribuir o folheto. Não fui fotografada e não fotografei- naqueles anos considerava mais importante a distribuição em si, como estratégia para criar um desvio na indiferença do transeunte, uma estranheza na sua percepção, que o registro e a memória da ação.

Agora, será preciso acreditar...



Regina Silveira, "Pronto para Morar", distribuição de filipetas, 1994



Em 1994, a distribuição do folheto “Pronto para Morar”, foi bem mais planejada e documentada do que a do Pudim Arte Brasileira no metrô da Sé - também porque a ação no tecido urbano foi proposta como complemento de minha participação na “Arte Cidade 2: A Cidade e seus Fluxos”, para a qual construí uma instalação de grande porte no antigo Edifício da Eletropaulo, no centro de São Paulo.

“Pronto para Morar” foi criado e organizado como paródia à costumeira distribuição de folhetos imobiliários pelos carros parados em semáforos fechados. Em meus folhetos, impressos em papel acetinado com dobraduras, as plantas labirínticas e impossíveis de percorrer estavam sublinhadas por adjetivos como “inextricável”, “inexcedível” e “inexplicável”, entre outros. O formato escolhido, propositalmente similar ao das plantas normais de apartamentos à venda, deveria apenas surpreender os motoristas, ao colocar uma dúvida forte e bem humorada que pudesse contrariar suas expectativas ou suspender a sua indiferença - mesmo que momentaneamente.

Escolhida a esquina da Rebouças com a Henrique Schaumann como o local da ação, a distribuição foi feita com a colaboração de jovens artistas e alunos da ECA, um grupo numeroso que se caracterizou por vestir uma camiseta com a imagem de uma das plantas-labirinto. Em duas horas, em horário de rush, distribuímos cerca de 4 mil folhetos, correndo entre os carros. Depois fizemos uma foto de grupo na mesma esquina e fomos comemorar o feito no vizinho Mac Donald’s.

Jamais soube se esses folhetos tiveram qualquer efeito, se foram guardados ou se todos foram jogados fora. Pelo menos esta ação foi fotografada - pelos próprios participantes - e ficou registrada na documentação e publicações de Arte Cidade, naquele ano.

Regina Silveira, março de 2010



RICARDO BASBAUM

"É a questão", 1987 e 1991

"Marca-Olho", 1984 - 2010

"Vinheta-Olho", 1987

"Olho-adesivo", 1984 - 2010

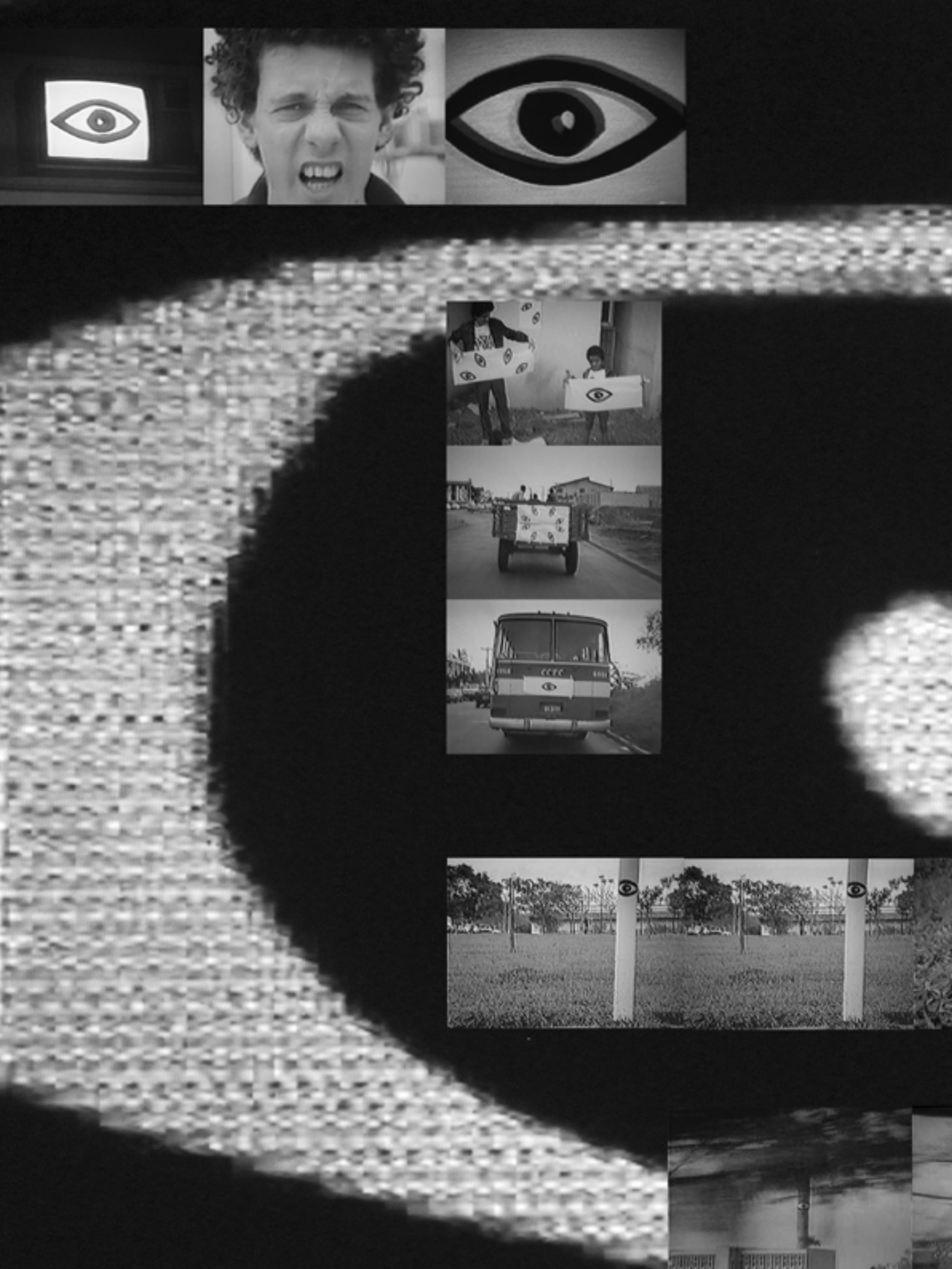
"Camiseta-Olho", 1987 - 2010

Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Artista, escritor, crítico e curador. Trabalha em torno das relações sociais e interpessoais, desenvolvendo uma abordagem comunicativa para impulsionar a circulação de ações e formas. Com diagramas, desenhos, textos e instalações cria dispositivos interativos nos quais a experiência pessoal e individual dos atores e observadores participantes desempenha papel relevante. Exposições individuais mais recentes incluem sistema-cinema (ccsp), Centro Cultural São Paulo, 2009; e membranosamente (NBP), Galeria Luciana Brito, São Paulo (2009). Participou da documenta 12, Kassel (2007); da 7ª Bienal do Mercosul (2009); e da 7ª Bienal de Xangai (2008). Doutor em Artes pela ECA-USP (2008). Professor do Instituto de Artes UERJ e da Faculdade Santa Marcelina (São Paulo)



"Marca-Olho", 1984 - 2010

Foi com a marca Olho que participei da exposição “Como vai você, Geração 80?” (Parque Lage, Rio de Janeiro, 1984); na verdade, a marca Olho foi desenvolvida especialmente para este evento, sob a forma de adesivos para serem colados pelo espaço da sala e por outros locais do edifício. Os adesivos estavam também disponíveis para venda, podendo ser adquiridos (um pacote com dois) pelo público visitante: uma forma de estender o trabalho para além do evento, colocando (literalmente) nas mãos dos visitantes possibilidades de invasão do trabalho por outros espaços, construindo outras intervenções, num gesto já de certa forma interativo, em que minha autoria é compartilhada (processo que continuei através do projeto NBP). Colados (ou às vezes pintados) sobre objetos, outras imagens ou elementos arquitetônicos, desenvolvi uma série de trabalhos nos anos seguintes (até aproximadamente 1990), explorando as possibilidades de reprodutibilidade desta marca simples e impregnante. Além de produzir um efeito de demarcação e antropomorfização de objetos e imagens, a marca Olho provoca principalmente uma reversibilidade perceptiva, fazendo com que as coisas, transformadas em agentes e arrancadas à sua indiferença, nos observem. Para o olhar humano, cria-se a possibilidade de acesso a uma suposta ‘interioridade’ do mundo - através da estratégia de enfatizar a superfície das coisas, pois o Olho transforma tudo em imagens perceptualmente dinamizadas -, em que a marca indica pontos de produção de problemas, de questões (a ‘interioridade’ afinal revelada como abismo, campo problemático sem qualquer a priori), como uma ferramenta de evidenciação e combate à homogeneidade e opacidade das coisas. Claro que a mobilização perceptiva envolvida neste processo é da ordem da velocidade, da repetição, impregnação, estampagem e memorização, abrindo caminho para a sublimaridade presente no projeto NBP: aproximação das estratégias da arte com o campo comunicativo das sociedades de controle . É preciso destacar também a operação de formação de um campo pático , em que o envolvimento afetivo do fruidor desempenha um papel fundamental na construção de seu relacionamento com o trabalho. Decorre desta estratégia de envolvimento a implementação de uma possibilidade de produção discursiva - e é aí que a marca Olho vai sendo progressivamente substituída pelo projeto NBP enquanto modo de articulação visual que procura responder mais eficientemente a esta demanda de um relacionamento variado com a palavra e o conceito.



"É a questão", 1991. Stills de vídeo. Documentação de intervenção no campus da Unicamp, em 1987, como parte do programa de artista-residente. Ações diversas com a utilização da marca-Olho



GILBERTTO PRADO

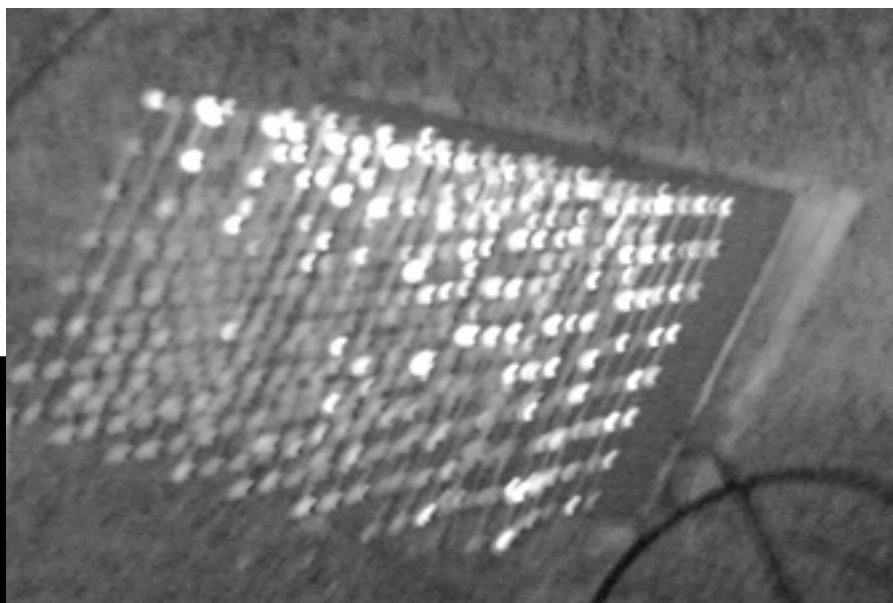
“Connect”, 1990 - 1992

“Desluz”, 2009, Gilberto Prado e Grupo Poéticas Digitais

Artista multimídia, professor do Departamento de Artes Plásticas da ECA - USP. Tem realizado e participado de inúmeras exposições no Brasil e no exterior. Trabalha com arte em rede e instalações interativas, é o coordenador do Grupo Poéticas Digitais. Publicou em 2003 pelo Itaú Cultural, SP, o livro “Arte telemática: dos intercâmbios pontuais aos ambientes virtuais multiusuário”

<http://www.cap.eca.usp.br/gilbertto>

<http://poeticasdigitais.wordpress.com/>



Gilberto Prado e Grupo Poéticas Digitais, “Desluz”, 2009

No espaço expositivo, o trabalho consiste em um cubo de Leds transparentes que emitem luz infravermelha, e caixas de som, que respondem simultaneamente ao fluxo de passantes, em um outro lugar, região de casas de luz vermelha, como atrator, dissimulando um velado jogo de sedução. A movimentação do fluxo dos passantes na área da luz vermelha será capturada por uma câmera localizada no alto de um edifício, registrando uma visão de topo da área, uma rede, uma malha, que esquadrinha um espaço e um fluxo de passantes. As informações adquiridas alimentarão simultaneamente o sistema instalado na exposição. Este sistema é composto por um cubo de Leds que emitem luz infravermelha; uma placa arduino que será a responsável para a relação entre dados analógicos e digitais; e dois computadores que processarão e gerenciarão os dados. Desta forma, os fluxos captados pela câmera externa irão acendendo e apagando as luzes do cubo da exposição, gerando movimentos e fluxos luminosos. Este processo será dinâmico, simultâneo e em tempo real. Enquanto isso, no espaço expositivo nada se vê ou escuta, mas o corpo percebe essas outras frequências. As lâmpadas aparentemente continuam transparentes e sem brilho e as caixas de som sem emitirem sons audíveis aos humanos. As luzes dos Leds do cubo não estão no espectro visível de nossa visão mas poderão ser vistas através das câmeras dos celulares. Desta forma o visitante passará a ‘enxergar’ toda uma nuvem de movimentações, que representam o fluxo de passantes nas áreas capturadas pela câmera remotamente e transmitidas em tempo real.

Grupo Poéticas Digitais (Gilberto Prado, Silvia Laurentiz, Andrei Thomaz, Rodolfo Leão, Maurício Taveira, Sérgio Bonilha, Luciana Kawassaki, Claudio Bueno, Clarissa Ribeiro, Claudia Sandoval, Tatiana Travisani, Lucila Meirelles, Agnus Valente, Nardo Germano, Daniel Ferreira e Luis Bueno Geraldo)

O projeto Connect, foi iniciado em 1990, e permitia a pessoas localizadas em diferentes locais do planeta realizar simultaneamente um trabalho artístico comum. Em cada local os participantes deveriam estar equipados com dois fax: um para emissão (E) e outro pra a recepção (R) de forma que assim que o papel saia de (R) era encaixado diretamente em (E), sem ser cortado da bobina. Dessa maneira toda recepção se tornava imediatamente emissão e as imagens se sobrepunham e se sucediam numa única e longa página encadeada em tempo real. Os participantes trabalhavam simultaneamente sobre o papel em movimento que circulava nas diferentes localidades produzindo um trabalho único e partilhado numa relação/ação direta e integrada. Uma curva imaginária, interativa e efêmera ia se desenhando através da rede artística de comunicação.

Connect é um dispositivo de conexão original e acrescenta uma dimensão poética e de performance aos aparelhos fax. O círculo do papel em loop suspende o tempo e o espaço ordinários, em um trajeto circular semelhante a um laço que se lança no vazio distante e inacessível, realizando um mergulho, se rematerializando e finalmente retornando à situação inicial.

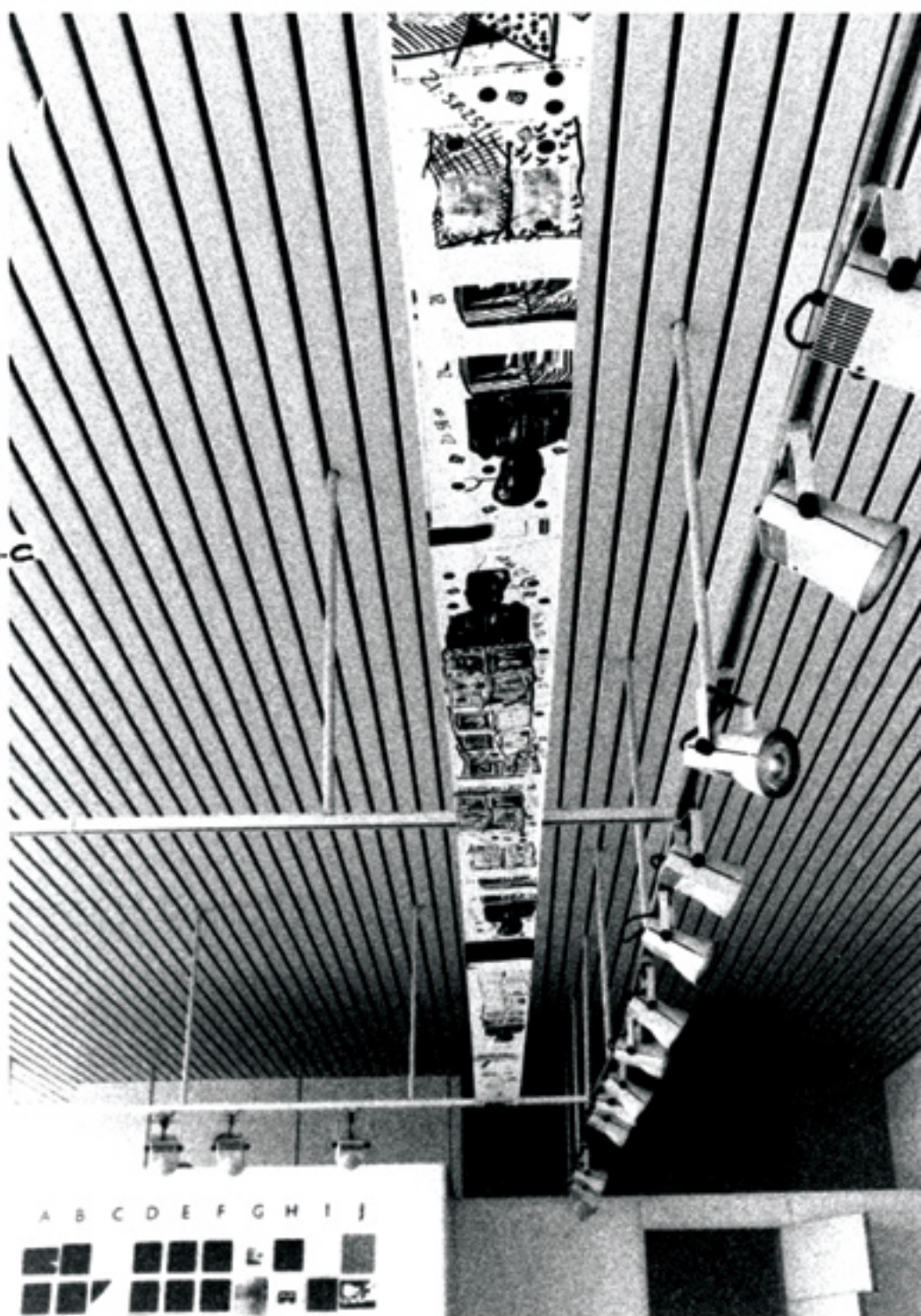
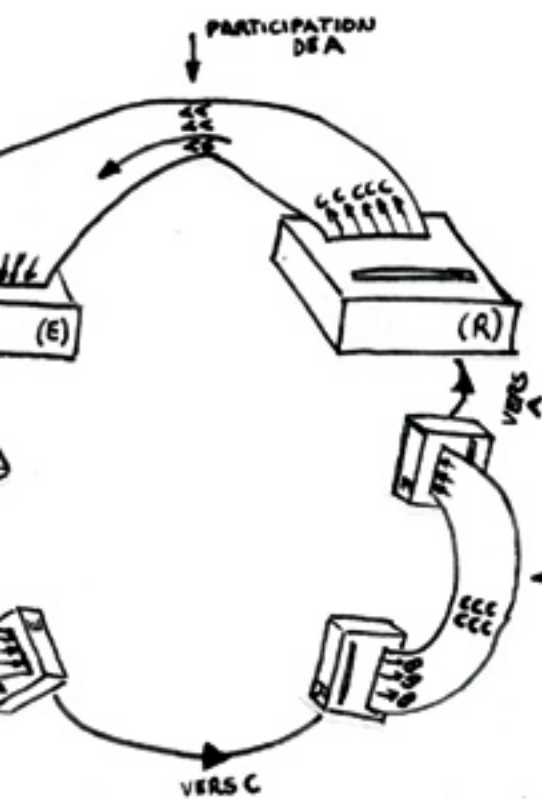
Os trabalhos desse projeto foram apresentados na exposição “La Fabrique” do Grupo Art-Réseaux, na Galerie Bernanos, em Paris, em abril de 1992. Os trabalhos foram dispostos em um só rolo formando um loop de 35 metros de comprimento, fixo no teto entre as estruturas de iluminação, cujo papel fotossensível ia clareando durante a mostra, apagando a memória dos traços inscritos até retornar à sua cor branca de origem.

Gilbertto Prado



connect
connect





LUCAS BAMBOZZI

"Circuito Kinotrem: Percurso, Rede e Unidade Móvel", 1997
"Puxadinho", 2010

Lucas Bambozzi trabalha em mídias como vídeo, filme, instalação, obras site-specific, performances audiovisuais e projetos interativos. Seus trabalhos já foram mostrados em mais de 40 países. Conduziu atividades pioneiras em arte e Internet no Brasil entre 1995 e 1999 na Casa das Rosas. Foi curador do Sónar SP (2004) e Life Goes Mobile (2004-2005) e é um dos criadores do Arte.mov Fest. de Arte em Mídias Móveis (2006-2010). Foi artista residente no CAiA-STAR Centre/i-DAT e concluiu seu MPhil na Universidade de Plymouth, Inglaterra. Dedica-se à exploração crítica de novos formatos de mídia independente



O projeto Kinotrem aconteceu junto ao Arte/Cidade em 1997 como um conjunto de módulos que tinham como objetivo promover a comunicação entre os vários espaços da terceira edição do evento idealizado por Nelson Brissac. Planejado ao longo de dois anos, teve como ponto de partida a experiência do kinotrem desenvolvido na União Soviética entre os anos de 1931 e 1933. Mas um projeto envolvendo tecnologias atuais, teria que incorporar linguagens e tecnologias de vídeo em tempo real - vigentes em 1997, num mundo ainda sem banda larga.

Assim foi criado um circuito conectando espaços para além do Arte/Cidade, envolvendo ações diversas: um link duplo de transmissão simultânea, carrinhos oferecendo videoarte 'a la carte', câmeras portáteis VHS disponíveis para os visitantes, registros de anônimos, parcerias com os artistas participantes, projeções no espaço expositivo e intervenções nos bairros vizinhos. Tratamos de dar conta de vários elementos: o universo temático e estético presente do cinema russo dos anos 20 e 30; a transposição da realidade para as telas que inaugurava um cinema documental com base numa linguagem sensorial; a exploração dos tênues limites entre atividades artísticas, de comunicação e de embate social. Esses elementos nos permitiram revisitar um pouco do período industrial que floresceu em São Paulo em torno do fluxo ferroviário, fazendo convergir o contexto do início do século com a condição da região habitada pelo Arte/Cidade, envolvendo os anacronismos e incômodos presentes.

Cerca de dois anos de discussões intensas foram lançados às ruas. A equipe traçou travellings por avenidas, muros, cercas, pontes, vias engarrafadas. Registrou construções fabris, casarões nobres e antigos edifícios transformados em hotéis e percorreu barracas de ambulantes sem fim. Visitou igrejas, sinagogas, galpões desativados e de escolas de samba. A realidade social imaginada a partir de mapas e plantas aéreas se confirmou em botecos escuros, comércio informal, trânsito caótico, atividades lícitas e nem tanto. Enfim, havia a perspectiva de se contar a história de São Paulo por uma 'psicogeografia' de seus hiatos. Em todos esses lugares registrou-se vida intensa e inquieta. Curiosa, díspar e dura, porém disposta a falar e confirmar verdades que o cinema mudo do Kinotrem russo de Alexander Medvedkin, centrado na realidade social, sempre almejou.

Experimentado o registro mais informativo e documental, constatou-se logo a necessidade de um circuito que se distanciasse de qualquer assepsia, algo raro na região. A adoção de um sistema de transmissão ao vivo incorporaria acasos e animosidades entre habitantes da região Luz - Água Branca - Barra Funda e os curiosos visitantes do Arte/Cidade. Tecnologia presente na vida cotidiana da TV mas muito pouco subvertida em termos de controle da informação, o link ao vivo proporcionou um pouco de tudo - exatamente como nos chats promovidos na virtualidade da Internet. Produziu-se um curioso espelho, um periscópio eletrônico para além dos muros da 'estação Matarazzo', com visibilidade descentralizada para a vida real de grafiteiros, legiões suburbanas, trabalhadores, religiosos, desempregados, cantores, casais, drag-queens, pais de família, comunicadores e artistas.

A partir da contraposição desse universo com imagens previamente elaboradas e de caráter informativo, espectadores sem preconceitos com relação à confluência entre imagens e o mundo caótico que nos rodeia, puderam se impregnar um pouco das intenções do Kinotrem paulista. Em sua complexa tarefa de diminuir distâncias e promover integrações, os conceitos se complementaram a partir das atividades dos demais módulos e projetos paralelos. Juntos, constatamos o quanto a atualidade da imagem da cidade não é possível sem a "desordem" causada pelo elemento humano que a habita de fato.

Lucas Bambozzi

Ficha técnica: Concepção original do projeto: Lucas Bambozzi, Eliane Caffé e Renato Barbieri; Coordenação geral: Lucas Bambozzi; Direção: Eliane Caffé, Fabiano Gullane, Lucas Bambozzi; Direção dos vídeos: Fabiano Gullane; Coordenação de produção: Caio Gullane; Direção de Arte: Lucia Koch; Corte e edição em tempo real: Jefferson De; Intervenções e mediações: Lucila Meirelles, Pedro Guimarães; Produção: André Montenegro, Rui Pires; Pesquisa Histórica: Patricia Trevelyan, João Cláudio de Sena; Pesquisa e Assistência de Direção: Patricia Trevelyan, Eduardo Abad; Realização: Diphusa Mídia Dital e Arte, SESC, Arte/Cidade.

lucas bambozzi

LUCIA
galeria

vídeo 1 - LCD 1



projeto para exposição: Galeria Expandida
proposta original: 2008

Puxadinho consiste em uma pequena casa de alvenaria, construída na fachada frontal da galeria Luciana Brito. Imagens em uma tela de LCD colocada frontalmente mostram portas e superfícies fechadas sendo forçadas de dentro para fora, como se alguém estivesse tentando abrir esses ambientes fechados. As imagens e o som (abafado e contido) vindos de dentro da pequena casa abordam um embate entre esferas públicas e privadas, através de uma situação emblemática, que anseia em ocupar um espaço externo.

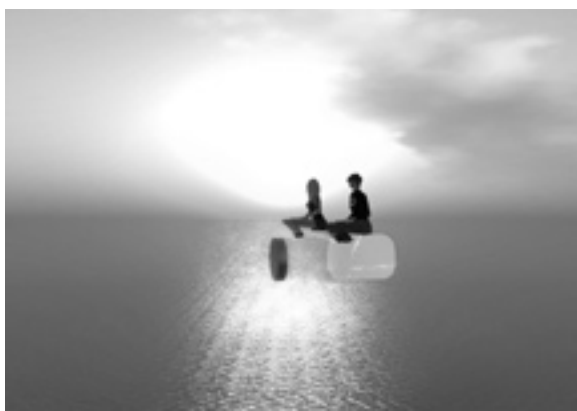
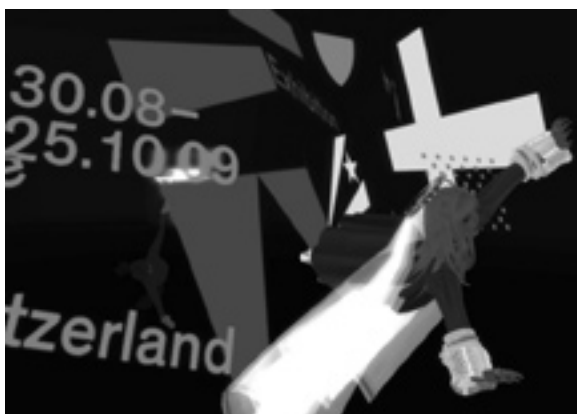
vídeo 2 - LCD 2

FABIANA DE BARROS

"Fiteiro Cultural no Second Life", 2007 - 2010
"Tree Dance in Second Life", 2009

Formou-se em Artes Plásticas na FAAP (SP), em 1983. Entre 1988 e 1991, frequentou curso de pós-graduação em multimídia na École des Beaux Arts de Genebra (Suíça). Seu projeto TOURS DU MONDE foi apresentado no Museu de Arte de São Paulo MASP (1987) e na Galerie Care Off (Genebra), estando 7/R3 TOUR DE SÃO PAULO presente na 20a Bienal Internacional de São Paulo (1989). Entre outras intervenções urbanas, performances, vídeo-instalações e web art, destacam-se FITEIRO CULTURAL, apresentado desde 1998 no Brasil e no exterior, integrando a 8a Bienal de Havana (2003). Em 2003 realiza a intervenção urbana AUTO PSI em São Paulo e em 2008 o CONCURSO DE BELEZA INTERIOR PARA UM PICNIC ANTROPOFÁGICO em Genebra. Desde 2007 desenvolve a sua obra FITEIRO CULTURAL EM SECOND LIFE





O FITEIRO CULTURAL, concebido em 1998, é uma obra de Arte Pública e Contextual. No norte do Brasil, “fiteiro” significa quiosque ou barraca de rua. Ele oferece mercadorias específicas a cada comunidade. Me inspirando desse modelo, eu assim realizei um Fiteiro dedicado a todas as formas de cultura. É uma estrutura “nômade” posta à disposição de artistas. É um “não lugar” que, para existir, depende da comunidade onde está implantado.

A descoberta do “outro” é o ponto central da obra. É uma escultura social. Segundo os desejos e necessidades de uma comunidade, o FITEIRO CULTURAL pode se transformar em atelier, centro de espetáculos ou de exposições, cena de teatro, lugar de debates, ou em espaço de repouso e de reflexão.

É uma obra em constante mutação: sem começo nem fim, sem evolução, nem forma ideal. Seu nome foi traduzido em várias línguas segundo as cidades onde passou: João Pessoa em 1998, Atenas, Sion e New York em 2002, Havana e Erevan em 2003, Lisboa e São Paulo em 2004, Nyon e Larissa em 2005, Dunkerque e São Paulo em 2006, Milão e Genebra em 2007 e Bienne em 2009. Entre os artistas participantes, contou com intervenções de: Marina Abramovic, Pablo Leon de La Barra, Fabrice Gygi, Edson Barbus, Roberto Diago, Betsabe Romero e Marcelo Maloberti. E os curadores: Antonio Zaya, Carlos Basualdo e Adelina von Furstemberg.

FITEIRO CULTURAL SECOND LIFE E A CASA MILLAGROSA

Em 2007, no jogo interativo Second Life, eu criei a ilha Casa Millagrosa. Especialmente concebida para abrigar o FITEIRO CULTURAL SECOND LIFE e acolher diversas realizações de artistas. A ilha rapidamente se transformou em lugar de criação, reunindo uma comunidade de artistas e utilizadores do jogo interativo. Todas as obras estão expostas no terreno da ilha e o visitante pode interagir com cada uma delas.

A ilha do FITEIRO SL se tornou um laboratório de novas experiências em multimédias, onde para cada obra criamos e desenvolvemos scripts e designers originais. Entre os artistas que participam do projeto estão: Chris Marker, Miltos Manetas, Gianni Motti, Angelo Plessas, DJ Digital Francis, Jérôme Leuba e Maria Papadimitriou. A comunidade de artistas trabalha em conjunto em constante interação. Criamos assim um Drive-in onde podemos selecionar e programar sessões de filmes e vídeos. Atualmente estamos mostrando um filme realizado em Second Life por Michel Favre: ÇA VA ? (remake do filme de J.-L. Godard One + One).

A ilha FITEIRO SL é um espaço virtual privilegiado para criar eventos: happenings, performances, debates, festas, concertos com Djs e Vjs LIVE, etc. Também temos experimentado a criação de eventos sincronizados em Real Life e Second Life.

A obra de arte pública e contextual FITEIRO CULTURAL SL já participou de várias exposições tais como o Festival Multiplicidade no Oi Futuro do Rio de Janeiro em 2008, Mapping Festival de Genebra em 2008 e 2009, U_TOPICS de Bienne (Trienal de Internacional de Escultura) e Bienal do Mercosul de Porto Alegre em 2009.



“TREE DANCE in Second Life”, criado em 2009, é um vídeo baseado no filme mítico “TREE DANCE” de 1971 do artista americano Gordon Matta-Clark. Segundo Chris Marker, o Second Life é um espaço onde depositamos imagens das nossas verdadeiras vidas, as imagens mais importantes, aquela que é necessário para nós salvar, é uma ilha isolada onde levamos as imagens as quais necessitamos para sobreviver. Quando tínhamos o plano de recriar “TREE DANCE” no Second Life, a minha intuição era de não somente salvar imagens, mas também ações e percepções de si próprio, ligadas à questão de repartir com o outro, do coletivo e da solidariedade humana, tudo que contribui para desenvolver uma personalidade original. É lá que localizo o coração do filme de Matta-Clark: o que é tão raro atualmente no nosso planeta e que quero empreender na minha ilha em uma segunda vida. Todos os habitantes e os participantes da ilha do Fiteiro Cultural em Second Life colaboraram neste filme.

Fabiana de Barros







EIXO NOVAS VERTENTES

ana paula lobo
bruno faria
cláudio bueno
denise agassi
esqueleto coletivo
paula garcia

ANA PAULA LOBO

“vídeo para fazer”, 2009-2010

Artista Multimídia, vive e trabalha em São Paulo. Formou-se em Licenciatura Plena em Artes Plásticas pela Fundação Armando Alvares Penteado, FAAP em 1997. Principais exposições coletivas: Exposições Coletivas: [das imagens às coisas], Escola São Paulo, 2009; Tripé, Sesc Pompéia, 2008; III Mostra de Vídeos, Faculdade Santa Marcelina, 2007; TINTA, Galeria Leme, S2006. Estrela do Pari Futebol Clube, 2005; 6º Premio Revelação de Artes Plásticas de Americana, 2003; Exposição Coletiva Red Bull Music Academy, 2002; 28º Salão de Santo André, 2000

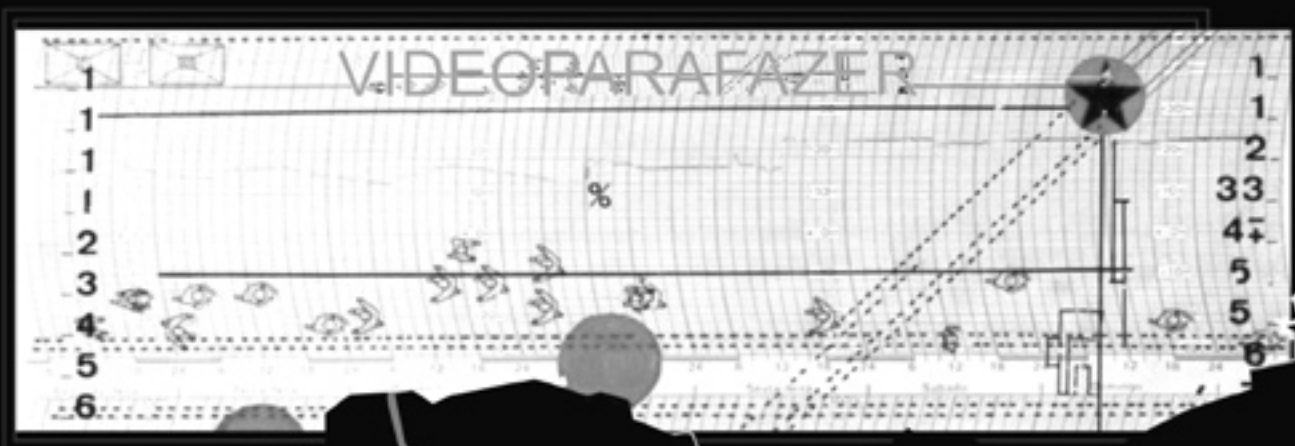
Videopara fazer é um videoblog especialmente concebido para integrar a exposição galeria expandida. Embora a exposição aconteça no período em abril de 2010, o blog já existe desde maio de 2009. A sua construção busca, por meio de ampla rede de relacionamentos, receber e armazenar vídeos celulares com conteúdos diversos. Refletindo sobre o conteúdo ágil e breve proveniente da mobilidade celular, o blog pretende elaborar a partir do conjunto de vídeos recebidos não uma sequência linear mais uma narrativa interativa.

Videopara fazer propõe que a autoria do vídeo final, assim como os vídeos que já estão inseridos na rede, seja compartilhada. Embora exista um agenciador de toda a experiência, para que o trabalho se concretize a presença do espectador/participante é importante. O espectador, que já havia sido deslocado das salas de cinema para experiências imersivas em videoinstalações, é mas uma vez alertado não só para receber as imagens sob o formato da internet mais de forma interativa a participar do trabalho.

A divulgação e também o convite para compartilhar Videopara fazer foi e também continua sendo feita pela internet. Durante todo o período expositivo e após o seu término, o blog será alimentado com música, vídeos e textos que acredito serem importantes para a elaboração deste trabalho.

<http://videopara fazer.blogspot.com>

Ana Paula Lobo, 2010

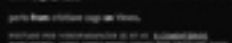
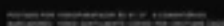


SÁBADO

p

p
from cris



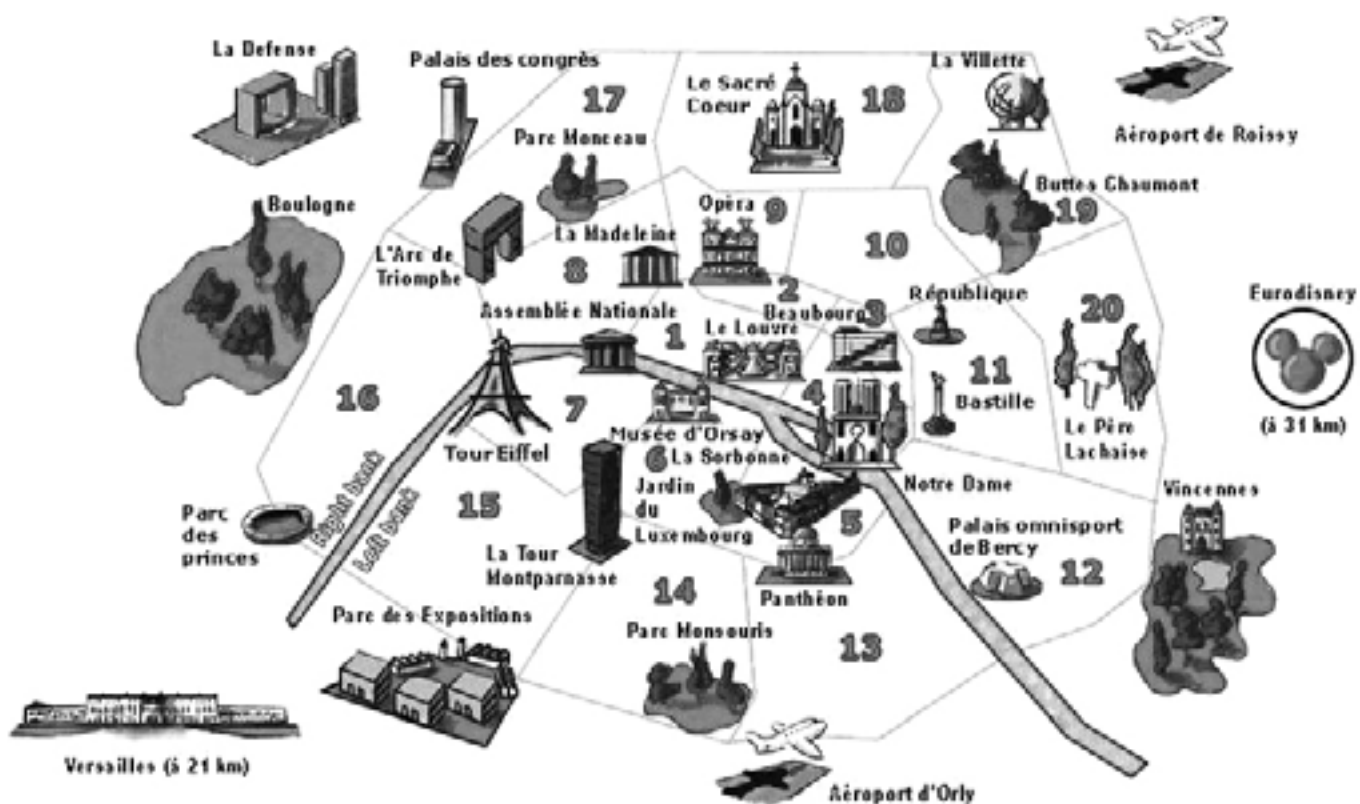


BRUNO FARIA

“Point de vue”, 2010

Nasceu em Recife-PE atualmente mora em Paris na Cité Internationale des Arts. Formado em artes plásticas pela FAAP, seus trabalhos são desenvolvidos em diferentes mídias: desenho, escultura, performance, instalação, intervenção, fotografia e refletem sobre o lugar que o homem vive e suas relações com o espaço, arquitetura, narrativas de ficção e a própria arte. Participou de importantes exposições como: Bolsa Pampulha III edição, Rumos Itaú Cultural, Videobrasil, X Bienal de Santos, Prêmio Fiat Mostra Brasil. Em agosto de 2010, irá participar de uma residência artística no Hangar em Barcelona, Espanha, como prêmio concedido pela sua exposição individual “Oásis” no Centro Cultural São Paulo

O projeto *Ponto de Vista* pretende criar um canal de comunicação desterritorializado entre a ação de participantes localizados em Paris e o espaço da Luciana Brito Galeria em São Paulo. Durante o período da exposição, transeuntes de espaços públicos em Paris serão convidados pelo artista a desenvolver desenhos de observação da paisagem, do ponto de vista de onde estiverem como praças, parques, etc. Esses desenhos serão posteriormente enviados à galeria através de um aparelho de fax e estarão dispostos numa parede da galeria. Dessa forma, constitui-se um trabalho *work in progress* em que o desenho/gesto do artista é eliminado e solicitado por ele a outro através de uma proposição artística.

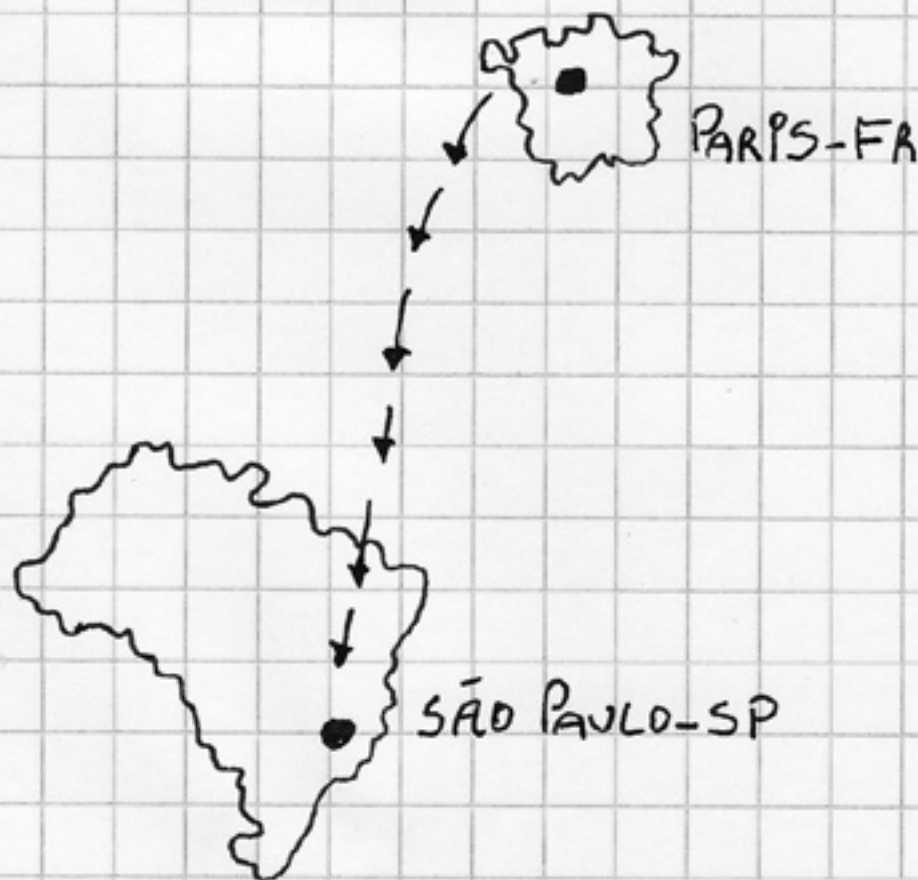


Point de

WORK IN PROGRESS

BR

- DESENHOS DA PAISAGEM REALIZADOS EM
EM PARIS E ENVIADOS POR FAX PARA



GALE

VUE

Bruno Faria

por Anônimos
São Paulo.



→ DESENHOS

☒ → FAX

Luciana Brito

Foto: Isabela Matheus



CLAUDIO BUENO

"Casa Aberta #3", 2009

Artista, mestrando em Artes Visuais na ECA-USP. Em 2009, foi residente do LabMIS, ganhou o Rumos de Arte Cibernética do Itaú Cultural e foi indicado ao Prêmio Sérgio Motta. Junto ao grupo LAT-23, participou do Transito_MX no México, da mostra Connecting Urban Spaces nas Filipinas e ganhou o Rumos de Webdocumentário. Exibiu seus trabalhos nas exposições Grau Zero no Paço das Artes, Demasiada Presença e 2346 na Escola São Paulo, Red Bull House of Art, Mobilefest e 48h de ocupação no MARP. A fim de investigar as questões de espaço no contemporâneo, seus trabalhos utilizam os meios de transmissão e as interfaces físicas e digitais
<http://buenozdiaz.net>

Neste projeto, o artista transmite sua sala via webcam e permite que as pessoas liguem, desliguem ou troquem os canais de sua TV com uma chamada de celular para um dos números disponíveis no espaço. A interação é possível gratuitamente com o celular de qualquer pessoa, de qualquer lugar. Durante a exposição é disponibilizado também o endereço de acesso ao trabalho online via justin.tv/casaaberta. O trabalho trata de questões relacionadas às presenças, ou à ausência delas. Dos espaços públicos e privados borrados, acessíveis. Da utilização crítica de novos dispositivos e das transmissões. Seu diálogo com "Glory Hole" colocado neste catálogo, relaciona-se principalmente com a idéia do buraco aberto pelas transmissões, que atravessam espaços privados e oscilam entre o glorioso e o perverso. É a presença do outro estranho, da surpresa do desconhecido. O termo "Glory Hole" é deslocado de seu contexto original (tipicamente sexual), produzindo um novo discurso.

Claudio Bueno

Para intervir na casa do artista, disque os números abaixo:

Para ligar e desligar a TV: (11) 8876 6054

Para trocar os canais da TV: (11) 8557 3827

Na internet: <http://justin.tv/casaaberta>







DENISE AGASSI

"Passageiro", 2007 - 2010

Artista multimídia, atua no campo da fotografia, videoarte e net art. Doutoranda em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Mestre em Artes Visuais pela FASM (2007/2009). Bacharel em Artes Plásticas, graduada pela FAAP (1997/2001). Participa do grupo de pesquisa arte&meios tecnológicos (CNPq/FASM), formado em 2007 e do grupo de remapeamento urbano Lat-23, formado em 2008. Em 2010, selecionada como artista residente do LABMIS. Em 2009, realizou a exposição individual Olhares Ampliados, no SESC Vila Mariana, participou da exposição coletiva Demasiada Presença, na Escola São Paulo e do FILE - Festival Internacional de Linguagem Eletrônica

500

23°27'28.28"S 46°34'9.06"W

23°30'59.35"S 46°37'31.79"W



fachadas das casas, monumentos culturais

O Príncipe Regente é saudado em São Paulo como o primeiro Imperador do Brasil e executa o Hino da Independência.

Contos e Fantacias *

Virgem e mártir, viveu no século III em Barcelona.

soldados criados pelo governo brasileiro no início da Guerra do Paraguai

grande orador sagrado, sendo certo que deixou muitos dos seus melhores sermões em manuscrito

constelação mais conhecida pelos habitantes ao sul da linha do equador.

uma vida inimitável

500

23°30'59.35"S 46°37'31.79"W

23°27'28.28"S 46°34'9.06"W

uma vida inimitável

soldados criados pelo governo brasileiro no início da Guerra do Paraguai

constelação mais conhecida pelos habitantes ao sul da linha do equador.

via longa e bastante heterogênea

As fantasias coloridas e o ritmo da bateria

idealizador da primeira garagem automática do Brasil

nome de origem incerta que significa "cabeceira de um vale"

projetou, construiu e voou nos primeiros balões dirigíveis

É declarada a Independência do Brasil em relação ao domínio de Portugal.

mãe de Jesus de Nazaré

fachadas das casas, monumentos culturais



Este vídeo documenta uma paisagem captada de dentro da janela de um ônibus, num momento em que havia um inseto pousado no lado externo do vidro. A exibição do trabalho acontece em TVs que existem nos ônibus de transporte público das cidades de São Paulo, Brasília, Salvador, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Fortaleza, Recife e Belo Horizonte. Esta exibição é apoiada pela empresa de comunicação BUSTV. O vídeo é apresentado de forma intercalada à programação, sem áudio, vinheta ou qualquer crédito sobre o autor e a exposição. Ao integrar-se ao espaço do ônibus, a obra cria um ambiente instalativo que estabelece relações entre o movimento do veículo, a imagem exibida e a posição estática do observador. Com isso, o trabalho promove a aproximação e um diálogo não hierárquico entre a arte e o público. A apresentação nos meios de comunicação de massa cria uma dilatação do circuito onde uma videoarte é exibida, criando ainda uma alternativa à programação que normalmente é veiculada. Como desdobramento do trabalho, Passageiro é enviado para os celulares do público visitante da galeria via bluetooth, para estabelecer um diálogo entre o vídeo e a mobilidade do celular. No catálogo, o itinerário da linha 500 da cidade de São Paulo é ilustrado substituindo os nomes das ruas por frases encontradas na internet, via sites de busca, que se relacionam a elas. Por fim, no site da artista (<http://www.deniseagassi.net/passageiro>), há uma série de vídeos captados no transporte público onde Passageiro foi veiculado, documentando situações cotidianas.

Denise Agassi

ESQUELETO COLETIVO

"Conscience - Limpador de Consciência", 2010

Formado em 2003, o Esqueleto Coletivo afirma uma postura crítica e bem humorada em relação às questões urbanas. A ocupação dos espaços públicos cada vez mais privatizados, a convivência e a dificuldade do encontro nesses espaços, são temas que nos movem a agir. Para nós política pode ser poética, e vice-versa. Realizamos ações, interações e interferências, em espaços públicos ou não, físicos ou virtuais. São performances em grupo, happenings e exposições, que utilizam suportes e meios como lambe-lambe, sticker, stencil, fotografia, vídeo-projeção, animação e arte digital. O Esqueleto Coletivo é David Santos, Eduardo Verderame, Luciana Costa, Mariana Cavalcante e Rodrigo Barbosa

*Conscience patrocina a exposição **galeria expandida** quando será lançado o primeiro produto da linha, o Eau de Conscience, para uso pessoal. A linha de produtos consiste no desenvolvimento de Conscience, o primeiro limpador de consciência. Conscience - líquido aromatizado em embalagem borrifadora - pode ser aplicado sobre pessoas, objetos e ambientes com a finalidade de atuar sobre alguns dos sintomas contemporâneos de mal-estar como culpa, depressão, angústia, insatisfação e medo.*

Ter consciência nunca foi tão fácil.
E M B R E V E I



conscience
o limpador de consciência



C o n s c
l i m p a d o r d e



i e n c e
consciência

PAULA GARCIA

#5 (da série *Corpo Ruído*), fotografia, 2008

#1 (da série *Corpo Ruído*), performance, 2010

Mestre em Artes Visuais pela FASM-SP e bacharel em Artes Plásticas pela FAAP. Pesquisadora do grupo arte&meios tecnológicos (CNPq/FASM). Suas pesquisas e experiências artísticas enfocam a performance e o vídeo. Exposições: “Variação” na Escola São Paulo - Projeto Encontros com Arte (2009); Projeto Tripé / Vídeo no SESC Pompeia (2008); Virada Cultural no SESC 24 de Maio (2008); coletiva “Mostravideo” no Itaú Cultural de BH e PA, Escola São Paulo - SP (2007); mostra “Vorazes, grotescos e malvados”, no Paço das Artes -SP (2005)

<http://paulagarcia.net/>

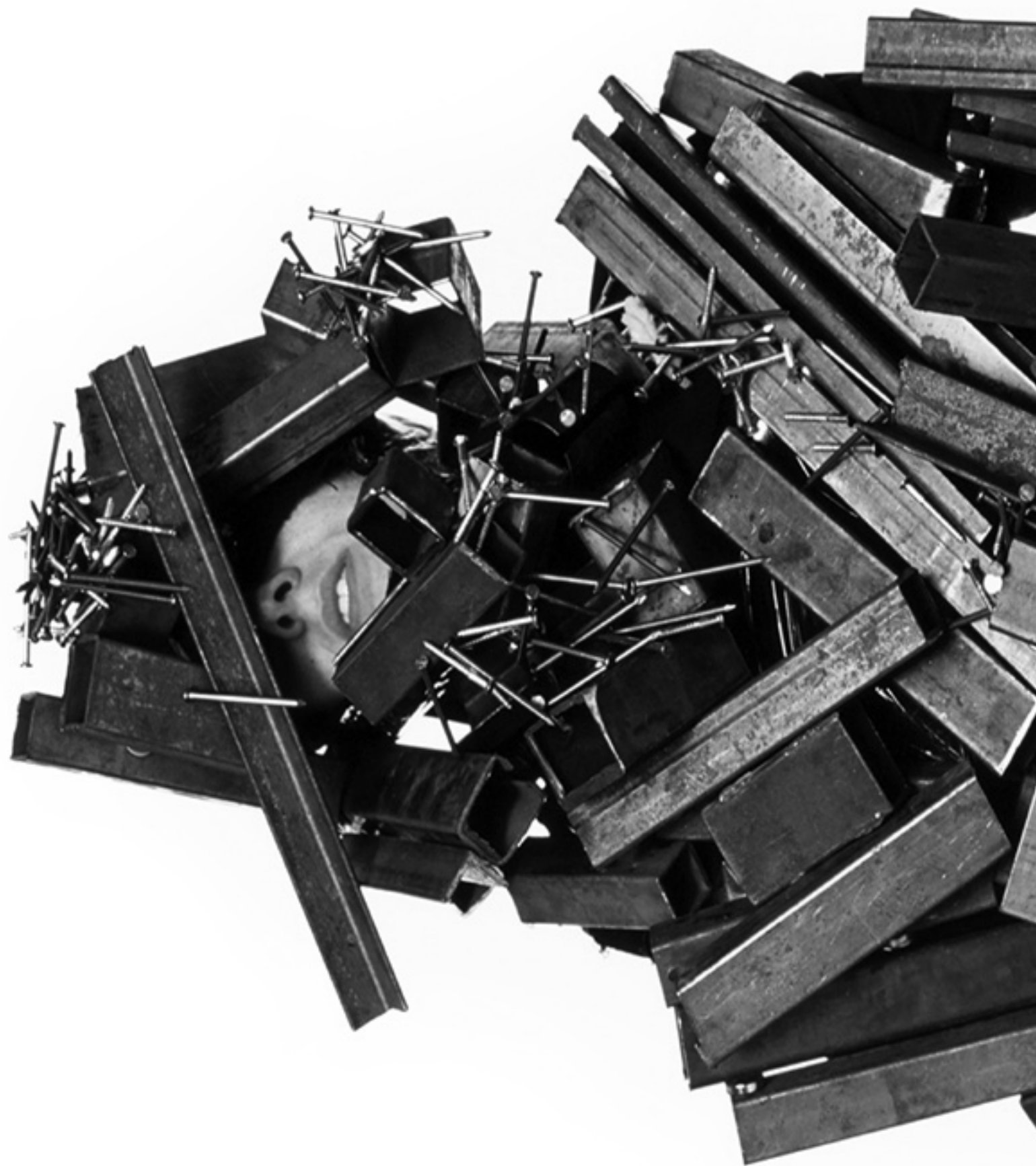
*O trabalho #5 (da série *Corpo Ruído*) partiu de uma pesquisa que tenho desenvolvido com ímãs de neodímio e retalhos de ferros recolhidos em serralheria. Com esses materiais comecei a propor situações em que meu corpo ficaria parcialmente entrevado, em decorrência principalmente do peso dos ferros que estavam colados ao meu corpo. Os ímãs “colam” os ferros no corpo sem deixar resíduos através da força do magnetismo. O magnetismo, aliás, está presente de várias maneiras em nosso cotidiano, pelas ondas eletromagnéticas como as encontradas nos aparelhos de som e nos transportes. Os ímãs em meu trabalho são elementos para discutir forças, não só subjetivas mas também sociais, que atuam para a consolidação de um sistema de poder que molda corpos, sentimentos, subjetividades, verdades etc. E o que se vê, na verdade, são corpos em desmontagem, em desmoronamento. Em última instância, o que proponho em minhas ações performáticas é um uso do meu corpo como “suporte material sobre o qual as formas de conflito se inscrevem”. Essa performance foi realizada em estúdio e fotografada com câmera de médio formato, uma vez que me interessava a alta qualidade da imagem final, configurada como uma imagem realista em face do universo das imagens da publicidade. As imagens de alta definição produzidas pela mídia empenham-se em apresentar algo próximo da perfeição. Para colocar isso em xeque, minha idéia era construir uma imagem hiper-realista com um corpo que contivesse uma brutalidade fetichista.*

O trabalho #1 (da série Corpo Ruído) lida com forças em conflito entre peso e leveza trazidas pelos ferros e também pelo campo magnético. Trata-se de uma performance sonora em que os ruídos são o resultado das quedas dos pedaços de ferros que, pouco a pouco, descolam de meu corpo; corpo este que está submetido à intensidade, ao peso. O corpo coberto por retalhos de ferros conduz ao enfrentamento do peso e do campo magnético, mas também produz uma noção de espera, de um tempo morto, metaforicamente simbolizado pela onda de peso de intensidade sobre meu corpo. Ou seja, interessa-me provocar um espaço de processamento onde consiga trazer a noção de espera para quem está interagindo com o trabalho. Nesse sentido, os ferros quando se descolam do corpo promovem uma sensação de mudança de estado, ou seja, como se o corpo, naquele momento da queda dos ferros, conseguisse sair de sua inércia. Há, portanto, também, um movimento de retenção e de expulsão de estados físicos e subjetivos por meio das forças eletromagnéticas.

Paula Garcia



Paula Garcia, #1 (da série Corpo Ruído), performance, 2010





galeria expandida - lista de artistas/obras

Eixo Histórico

Analivia Cordeiro

Título: M3X3

Ano de produção: 1973

Mídia de exibição: projetor

Mídia de veiculação: exibido em agosto de 1973 no Programa Primeiro Plano na TV Cultura

Dados técnicos : gravação original em vídeo (U-Matic, 9'49'')

Produção: TV Cultura de São Paulo e Centro de Computação da Universidade Estadual de Campinas

Título: Ver para Ler

Co-autoria: Eleonora Sampaio Caselato

Ano de produção: 2009

Mídia de exibição: dvd

Mídia de veiculação: telefonia celular

Dados técnicos : 57 vídeos em HD, 1h55'

Fabiana de Barros

Título: Fiteiro Cultural no Second Life

Ano de produção: 2007-2010

Mídia de exibição: projetor

Mídia de veiculação: Second Life

Dados técnicos : Ambiente virtual multiusuário online

Título: Tree Dance in Second Life

Colaboração: Rogerio Mainardi e Michel Favre

Ano de produção: 2009

Mídia de exibição: vídeo

Dados técnicos: Ambiente virtual multiusuário online

Gilbertto Prado

Título: Connect

Ano de produção: 1990-1992

Mídia de exibição: Fotografias e arquivos em papel do projeto

Mídia de veiculação: rede contínua de fax

Dados técnicos: fax

Título: Desluz

Co-autoria: Grupo Poéticas Digitais (Gilbertto Prado, Silvia Laurentiz, Andrei Thomaz, Rodolfo Leão, Maurício Taveira, Sérgio Bonilha, Luciana Kawassaki, Claudio Bueno, Clarissa Ribeiro, Claudia Sandoval, Tatiana Trivisani, Lucila Meirelles, Agnus Valente, Nardo Germano, Daniel Ferreira e Luis Bueno Geraldo)

Ano de produção: 2009

Mídia de exibição: internet, computador, fotodiodos, placa Arduino, componentes eletrônicos, alto-falantes e Software em Processing

Dados técnicos: No espaço expositivo: internet, computador, fotodiodos, placa Arduino, componentes eletrônicos, alto-falantes e Software em Processing. Fora do espaço: webcam, computador, internet e software em Processing

Lucas Bambozzi

Título: Circuito Kinotrem: Percurso, Rede e Unidade Móvel

Co-autoria: Eliane Caffé, Renato Barbieri, Fabiano Gullane

Ano de produção: 1997

Mídia disponibilizada: VHS

Mídia de veiculação: transmissões ao vivo ao longo de 14 dias entre a unidade móvel (Kinokombi) e o circuito de exibição controlado por VJ, formado por monitores e projeções nas Indústrias Matarazzo durante o Arte/Cidade III, 1997

Dados técnicos: Memória do circuito bidirecional de emissão e recepção de vídeo em tempo real entre os bairros Bom Retiro, Água Branca, Freguesia do Ó, Barra Funda, Luz e Lapa

Material: cerca de 180 fitas VHS originais do registro das transmissões ao longo de 14 dias entre a unidade móvel (Kinokombi) e o circuito de exibição. Vídeos de curta duração e cenas de arquivo ligadas ao universo do trem e da história da cidade se alternam com o material ao vivo

Título: Puxadinho

Ano de produção: 2010

Mídia de exibição: DVD, tela LCD e construção em alvenaria

Regina Silveira

Título: Pudim arte brasileira

Ano de produção: 1977-1988

Mídia de exibição: filipeta

Mídia de veiculação: Panfletagem em 1977

Dados técnicos : "Pudim arte brasileira" panfleto, 21x29cm 1977

"Pudim arte brasileira", depoimento pessoal escrito e em vídeo

"Pudim arte brasileira" gravura da série "Jogos de Arte" 1977/1988 59,5 x 49,5cm

Título: Pronto para morar

Ano de produção: 1994-1998

Mídia de exibição: fotografia, serigrafia e sobrevidrado sobre azulejo

Mídia de veiculação: panfletagem em 1994

Dados técnicos : registro fotográfico 9 fotos 21 x 29cm 1994/2010 (três colunas com três fotos cada), serigrafia e sobrevidrado sobre azulejo, 30x30cms 1998 (duas peças na parede, uma sobre a outra)

Ricardo Basbaum

Título: É a questão

Ano de produção: 1987 e 1991

Gravações originais: 1987

Finalização: 1991

Mídia de exibição: projetor

Mídia de veiculação: vídeo

Dados técnicos : 10' 53", gravação original em VHS e U-Matic

Produção: Unicamp (Campinas) e Antevê (Rio de Janeiro)

Título: marca-Olho e vinheta-Olho

marca-Olho

Ano de produção: 2010

Dados técnicos : vinil adesivo, áudio

vinheta-Olho

Ano de produção: 1987

composição: Sérgio Basbaum

voz: Nã Ozetti

teclados: Maurício Gaetani

gravado originalmente em 1987

Título: Olho-adesivo

Ano de produção: 1984-2010

Dados técnicos : múltiplo em tiragem aberta

Edição 2010: 1.000 exemplares

Título: camiseta-Olho

Ano de produção: 1987

Dados técnicos : múltiplo em tiragem aberta

Edição 2010: 100 exemplares

Elxo Novas Vertentes

Ana Paula Lobo

Título: Videoparafazer

Ano de produção: 2009-2010

Mídia de exibição: blog (computador e internet)

Mídia de veiculação: blog e internet (redes sociais)

Dados técnicos: vídeo celular/vídeoblog

(videoparafazer@gmail.com/ <http://videoparafazer.blogspot.com/>)

Bruno Faria

Título: Point de vue

Ano de produção: 2010

Mídia de exibição: desenhos em papel, fax

Mídia de veiculação: fax

Dados técnicos: desenhos enviados por fax de Paris para São Paulo

Claudio Bueno

Título: Casa Aberta #3

Ano de produção: 2009

Mídia de exibição: monitor e internet

Mídia de veiculação: internet

Dados técnicos : televisão, monitor, internet, webcam, aparelhos celulares, computadores.

Denise Agassi

Título: Passageiro

Ano de produção: 2007-2010

Mídia de exibição: Exibição de videoarte nas TVs dos ônibus de São Paulo, Brasília, Salvador, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Fortaleza, Recife e Belo Horizonte.

Mídia de veiculação: TVBUS

Dados técnicos: loop 33"

Apoio: BusTV e Arte.mov

Esqueleto Coletivo

Título: Conscience - Limpador de consciência

Ano de produção: 2010

Mídia de exibição: stand publicitário

Mídia de veiculação: campanha publicitária virtual e co-patrocínio da exposição

Dados técnicos: stand publicitário de produto fantasia

Paula Garcia

Título: #1 (da série Corpo Ruído - performance)

Colaboradores: Haroldo Alves (confeção da estrutura para o corpo), Joacyr Salles Barros (ação na performance de colar os ferros), Iano Ahmed (ação na performance de colar os ferros) e Danilo Araújo (som).

Ano de produção: 2010

Mídia de exibição: performance

Dados técnicos: performance, 1h

Título: #5 (da série Corpo Ruído)

Colaborador/Fotógrafo: Marcos Cimardi

Ano de produção: 2008

Mídia de exibição: fotografia

Dados técnicos: Fotografia, 190 cm x 120 cm

Curadoria: Christine Mello

Assistentes de curadoria: Ananda Carvalho e Paula Garcia

Christine Mello

Crítica de arte e professora de teoria e história da arte do Mestrado em Artes Visuais da Faculdade Santa Marcelina e da FAAP-Artes Plásticas. Integrou a equipe curatorial do programa Rumos Itaú Cultural Artes Visuais 2008-2009 e publicou Extremidades do vídeo (Editora Senac, 2008). Com pós-doutorado em Artes Plásticas pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), é doutora e mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Coordena o Grupo de Pesquisa arte&meios tecnológicos (CNPq/FASM). Seus projetos curatoriais incluem a Representação Brasileira de Net Art da 25ª. Bienal Internacional de São Paulo (2002), assim como exposições em museus, galerias e festivais tanto brasileiros quanto internacionais. Suas mais recentes curadorias são Demasiada Presença (Escola São Paulo) e Espaço em relação: fluidez e simultaneidade (Museu de Arte Moderna da Bahia), realizadas em 2009

Ananda Carvalho

Pesquisadora, curadora e crítica de arte. Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e especialista em Criação de Imagem e Som pelo SENAC-SP. Foi curadora da exposição [das imagens às coisas], Escola São Paulo, 2009. Escreve textos críticos para o Canal Contemporâneo e para exposições realizadas no SESC-SP. Pesquisadora do grupo arte&meios tecnológicos (CNPq / FASM) desde 2007. Foi responsável pela coordenação dos relatos do III Simpósio Internacional de Arte Contemporânea do Paço das Artes. Integrou a equipe editorial do Canal Contemporâneo e desde agosto de 2009 é editora dos sites do Museu da Imagem e do Som e do Paço das Artes

Paula Garcia

Artista e pesquisadora é mestre em Artes Visuais pela FASM-SP e bacharel em Artes Plásticas pela FAAP. Pesquisadora do grupo arte&meios tecnológicos (CNPq/FASM). Suas pesquisas e experiências artísticas enfocam o vídeo e a performance. Principais exposições: Variação na Escola São Paulo - Projeto Encontros com Arte (2009); Projeto Tripé / Vídeo no SESC Pompeia (2008); Virada Cultural no SESC 24 de Maio (2008); coletiva "Mostravideo" no Itaú Cultural de BH e PA, Escola São Paulo - SP (2007); mostra Vorazes, grotescos e malvados, no Paço das Artes -SP (2005). Atualmente coordena os projetos de Arte Visuais do Centro Cultural da Espanha - AECID em São Paulo

Estagiária de curadoria e monitora: Tamara Cirlinas

Produção/Coordenação de montagem: Danilo Araújo

Comunicação: Alice Ferraz Comunicação

Projeto gráfico e diagramação: Eduardo Verderame e Manuela Eichner

[catálogo-jornal impresso pela Printon Gráfica e Editora
capa em kraft natural 140g/m² e miolo em jornal 48g/m²
composto em Impact e Trebuchet MS]

Luciana Brito Galeria

Diretora: Luciana Brito

Equipe: Antonio Vitorino dos Santos, Deborah Alves Moreira, Felipe B. S. Romano, Francisco das Chagas Peixoto, Joyce Bisca, Luciano Cavalcante, Maria Rita Lovro, Mirella Rabinowicz, Renata Caio

LUCIANA BRITO 
galeria

Rua Gomes de Carvalho, 842
04547 003 São Paulo Brasil
www.lucianabritogaleria.com.br
t [5511] 3842 0634 / 0635

apoio:

vivo ARTE.MOV

F fórum permanente
www.forumpermanente.org



eu 2010.05

galeria expandida

programação

depoimentos

sob a coordenação de Christine Mello
quartas-feiras: 07/04 e 14/04

07/04

11hs: Analívia Cordeiro

14hs: Regina Silveira

16hs: Fabiana de Barros

14/04

11hs: Ricardo Basbaum

14hs: Lucas Bambozzi

16hs: Gilbertto Prado

performances e debates

sob a coordenação de Paula Garcia

Segunda-feira, 05/04 abertura da exposição

Performances de Esqueleto Coletivo e Paula Garcia - às 19h30

Sábado, 10/04

Performance de Fabiana de Barros - às 12hs

seguida de debate *galeria expandida: relações históricas*

André Mesquita, Christine Mello, Martin Grossmann, Priscila Arantes

Sábado, 17/04

Conversa-amostragem de experiências com Ricardo Basbaum - às 14hs

seguida de debate *galeria expandida: relações artísticas*

Luciana Brito, Paula Alzugaray, Mônica Nador e Ricardo Basbaum

plataforma online

sob a coordenação de Ananda Carvalho, Deborah Alves e do Forum Permanente

www.lucianabritogaleria.com.br

www.forumpermanente.org

<http://galeriaexpandida.wordpress.com/>

galeria expandida [[www.facebook.com](https://www.facebook.com/galeriaexpandida)]

apoio institucional:

F/NAZCA
SAATCHI & SAATCHI



Prefeitura do Município
de São Paulo, Lei 10.923/90

LUCIANA BRITO
galeria

Rua Gomes de Carvalho, 842
04547 003 São Paulo Brasil
www.lucianabritogaleria.com.br
tlf [+5511] 3842 0634 / 0635

A EXPANDIDA GALERIA
 XPANDIDA GALERIA EXE
 ERIA EXPANDIDA GALE
 GALERIA EXPANDIDA G
 EXPANDIDA GALE
 GALERIA EXPANDID
 EXPANDIDA GALER
 EXPANDIDA GALERIA
 GALERIA EXPANDIDA GA